

PROFESSOR HERMES E PROFESSOR PROMETEU: ANÁLISE DO IMAGINÁRIO DOCENTE POR MEIO DO LIVRO DE ARTISTA

ÍTALO FRANCO COSTA¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO³

¹Universidade Federal de Pelotas – italofrancocosta@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido parte da pesquisa de Mestrado defendida no ano de 2020, intitulada “Narrativas Visuais de Si: O livro de artista como mediador do imaginário” pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas (PPGAVI/UFPEL). A pesquisa tem como objetivo geral estimular diálogos entre arte e vida, perpassados pela análise das manifestações do imaginário e seus símbolos, através de narrativas de si materializadas em livros de artista.

Para tanto, foi criado um curso de formação continuada para professores, intitulado “O que é ser professor? Visibilizando o Imaginário em livros de Artista”, ministrado de forma remota, adaptando-se ao contexto da pandemia do novo coronavírus SARS-COV-2. No total de cinco encontros os participantes obtiveram fundamentos para criar um livro de artista coletivo a partir do questionamento “O que é ser professor?”, partindo de reflexões acerca de memória, autobiografia, formação experiencial, projetos de vida e trajetória docente.

A partir das imagens produzidas foram selecionados símbolos que possuem similaridades em seu discurso, sendo criados a partir disso dois núcleos simbólicos norteadores do Imaginário do grupo de professores participantes: Ser Professor@ é: Caminhar, é deslocar-se, é entender que a formação é processual e contínua e Ser Professor@ é: Mediar, é desvelar, é educar o olhar de si e dos outros.

Entendo como núcleos simbólicos a teia pertinente ao imaginário de um grupo de pessoas. Para Gilbert Durand (2010) tais núcleos servem como organizadores das manifestações do imaginário humano em agrupamentos de estruturas simbólicas semelhantes.

As análises permitiram concluir-se que tais núcleos simbólicos podem também remeter ao mito de Hermes e de Prometeu, evidenciando a potência do Imaginário como o museu (...) de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 2010, p. 6) a qual orientam e impulsionam os modos de ser e estar dos sujeitos no mundo. Assim, neste texto, buscou-se explorar mais da interpretação mitológica dos núcleos simbólicos elencados na pesquisa, visando revelar a complexidade do ser professor ao perceber que toda imagem sempre esconde em si múltiplas interpretações.

Como referencial teórico foi utilizado Paulo Silveira (2001) sobre livro de artista, Juremir Machado da Silva (2006) sobre tecnologia do imaginário, Gilbert Durand sobre teorias do imaginário (2010), Lucrécia D'Alessio Ferrara (2007) acerca do discurso não-verbal, Jaci Menezes (2007) sobre o conceito de (auto)formação e Cláudia Brandão (2012) sobre Pedagogia do Olhar Simbólico.

2. METODOLOGIA

Como dito anteriormente, as imagens que estão inseridas nos núcleos simbólicos a serem analisados foram produto de um curso de formação continuada, estruturado durante a pesquisa de mestrado. O mesmo contou com cinco encontros de 25 de agosto a 8 de setembro, contemplando 20 horas de atividades, divididas entre discussões teóricas em encontro online via plataforma Web Conferência da UFPEL e ambiente virtual no Google Sala de Aula para comentários e postagens dos trabalhos práticos, como um fórum online. Unindo teoria e prática, o curso subsidiou a criação de um livro de artista coletivo cujas reflexões acerca do aprendizado foram visibilizadas em discursos verbais e não verbais autobiográficos.

Foram produzidas ao todo 48 imagens, sendo cada participante responsável por duas páginas duplas. O livro de artista aqui é considerado como uma linguagem privilegiada, pois se caracteriza por uma expressão contemporânea, surgida no final do século XX e por tal “porta, em maior ou menor grau, uma gama de informações verbo-visuais características, emprestadas do mercado cultural em que está inserido hoje” (SILVEIRA, 2008, p. 17). Essas informações também estão atreladas na mesma intensidade com “alguns princípios narrativos inerentes ao livro comum (o volume e seu uso), ou inerentes a seu discurso (o sedimento não concreto que o volume suporta)” (Id, 2008, p. 17). Portanto, visto que o livro de artista ocupa um espaço híbrido é que ele foi considerado a linguagem ideal para visibilizar narrativas verbais e não-verbais.

Cabe ressaltar que considero também o livro de artista como uma tecnologia do imaginário (SILVA, 2006). Pois toda tecnologia produz imaginário, entretanto, quando me refiro ao livro de artista como uma “tecnologia do imaginário” trato da utilização de tal dispositivo com vista à produção de visões simbólicas de mundo.

A análise dos símbolos pregnantes se deu posteriormente ao final do curso, configurando-se como a etapa final da pesquisa de mestrado. Nela, as imagens foram separadas levando em consideração seu discurso, visto que, de acordo com Lucrécia Ferrara (1997), o discurso não-verbal pode não possuir os signos comuns à escrita, mas também deve ser considerado como linguagem. Isto, pois possui signos passíveis de interpretação, mas diferente da linguagem verbal, esta não possui um discurso direto, pois é uma linguagem sem códigos. Assim, seu discurso não é traduzível de imediato, sendo necessário interpretá-los.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desta forma, elementos como a estrada, a trilha e a ponte, os quais remetem à uma simbologia do deslocamento, formaram o núcleo simbólico intitulado “Ser Professor@ é: Caminhar, é deslocar-se, é entender que a formação é processual e contínua”. Tais símbolos dão a ver o reconhecimento das histórias de vida e da percepção de que as escolhas tomadas interferem no modo como os sujeitos se constituem e se percebem, de que mesmo algumas vezes trilhando caminhos diferentes, todos estão em sua própria jornada.

Tais símbolos se aproximam dos processos (auto)formadores discutidos durante o curso de formação continuada. A (auto)formação (MENEZES, 2007) versa que a formação dos sujeitos se dá ao longo da vida de forma processual e contínua, quando consideramos este processo um percurso, é possível perceber que o uso de símbolos que respondem a desafiadora pergunta “o que é ser professor?” com trajetos, estradas ou pontes reforçam que tais sujeitos da pesquisa possuem uma percepção (auto)formativa sobre si.

Quando elementos como o olho e objetos da visão se apresentam, remetendo-se a uma simbologia do olhar, formam o núcleo simbólico “Ser Professor@ é: Mediar, é desvelar, é educar o olhar de si e dos outros” o qual se aproxima da percepção de um fazer docente atrelado ao presente, que é atencioso e afetivo. Estes símbolos reforçam as discussões apresentadas durante o curso acerca das diferenças entre ver e olhar, assim como a pedagogia do olhar simbólico (BRANDÃO, 2012) e seu papel na formação humana.

Esta pedagogia, por sua vez, tem o intuito de, através de processos (auto)formativos ligados ao imaginário, explorar as dimensões do ser humano. Desta forma, é possível perceber que ao serem frequentes em muitos trabalhos, estes símbolos evidenciam que parte dos sujeitos da pesquisa dão valor ao olhar sensível e atento como instrumento de formação humana e o incorporam no modo como constituem o seu fazer docente.

Para uma análise mais profunda da dimensão simbólica das imagens produzidas pelos sujeitos da pesquisa é possível aproximar tais núcleos simbólicos de dois mitos da antiguidade clássica, o de Hermes e o de Prometeu, respectivamente. Tal aproximação possibilita a ligação dos sujeitos da pesquisa ao trajeto antropológico, a história da espécie humana no planeta, ao evidenciar a percepção do ser e fazer docente ligado à símbolos do passado que se mantém presentes e acessíveis por via do Imaginário.

Assim, o núcleo simbólico “Ser Professor@ é: Caminhar, é deslocar-se, é entender que a formação é processual e contínua” pode ser interpretado como a síntese de “um(a) professor(a) Hermes”.

Na mitologia grega este deus era tido como:

O mensageiro dos deuses (...). Ficou famoso por ir de um lado a outro em instantes, levado pelos ares pelas sandálias aladas que se tornariam seu símbolo. A habilidade para voar era essencial ao papel de mensageiro. Simbolicamente, porém, o deslocamento rápido do deus sugeria sua rapidez de pensamento e o desprezo pelas restrições normais do tempo e espaço (WILKINSON, 2018, p.54).

Desta forma, o(a) professor(a) Hermes pode ser considerado aquele(a) que faz a informação circular, portador do novo e da novidade, que não encontra dificuldades para transitar entre as diferentes subjetividades de cada estudante. É também aquele(a) professor(a) que entende sua trajetória pessoal e profissional como algo sempre em transformação, não deixando se prender em conceitos estabelecidos e verdades postas, é questionador e capaz de promover o debate e o pensamento livre.

Já o núcleo simbólico “Ser Professor@ é: Mediar, é desvelar, é educar o olhar de si e dos outros” nos aproxima de um ser professor(a) Prometeu.

Prometeu (nome que significa “aquele que pensa antes”) era irmão de Epitemeu (“aquele que pensa depois”). (...) criou o primeiro homem, utilizando-se do barro, e deu à humanidade o fogo de Hera (...) depois que Zeus castigou os mortais, tirando-lhes o fogo (...). Furioso, Zeus o castigou ordenando que Hefesto o acorrentasse na parte mais alta do monte Cáucaso, para onde enviava todos os dias uma águia que devorava o fígado de Prometeu. Como o órgão se refazia à noite, no dia seguinte a tortura continuava (ABRÃO, 2016, p. 155).

Assim, o(a) professor(a) Prometeu seria aquele(a) que intervém a favor do conhecimento, que auxilia seus estudantes na adversidade. O fogo, símbolo do

conhecimento, dá ao professor(a) Prometeu a figura do mediador, daquele que educa os sentidos tornando o pensamento complexo, representado pelos deuses, palatável às mentes mortais.

4. CONCLUSÕES

Ao se abordar imagens simbólicas, que possuem um sentido polissêmico por natureza, não podemos evitar de adentrar também no lado negativo dos mitos ao comparar o Imaginário docente a Hermes e Prometeu. Isto, pois ao fazê-lo, consideramos também a complexidade da dimensão humana e aproximamos a ficção, o mito, das histórias de vida e da realidade vivida não apenas pelos sujeitos da pesquisa, mas de todos os seres humanos. A vida é feita de altos e baixos, erros e acertos, e um(a) único(a) professor(a) pode conter em si um(a) professor(a) Hermes e um(a) professor(a) Prometeu, bem como seus lados positivos e negativos.

Por exemplo, o(a) professor(a) Hermes ao mesmo tempo é o mensageiro ágil e cerebral que pode fazer fluir o conhecimento e aprender com sua própria jornada, é capaz também de tropeçar nos seus próprios recalques, nos próprios desafios que se interpõe em sua trajetória docente. Nada garante que esse(a) professor(a) caminhante que tropeça seja também realizador(a) de trocas saudáveis.

Já o(a) professor(a) Prometeu, pode ser tanto aquele(a) que educa o olhar, que mostra as possibilidades de nossas ações no mundo, quanto também pode ser aquele(a) que o direciona e o influencia de acordo com suas próprias convicções, como se tomasse para si o poder que a chama de Hera possui.

A partir da análise do imaginário docente dos sujeitos da pesquisa é possível perceber que uma mesma imagem pode possuir em si diversos significados. Ao trazermos a simbologia dos mitos em voga, inserimos este mesmo imaginário docente em um trajeto antropológico, percebendo que as concepções do ser e fazer-se docente podem ser trazidas de um tempo muito anterior ao nosso e, mesmo assim, ainda serem fonte de aprendizado quando se está disposto a olhar para elas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, Baby Siqueira. **Deusas, deuses e heróis gregos**. São Paulo; Hunter Books, 2016.
- BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. **Entre photos, graphias, imaginários e memórias: a (re) invenção do ser professor**. 2012. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro, DIFEL, 2010.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Leitura sem Palavras**. São Paulo: Ática, 2007.
- MENEZES, Jaci. **História de Vida e Formação de Professores**. Brasil. TV Escola, 2007.
- SILVA, Juremir Machado Da. **Tecnologias do Imaginário**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2006.
- SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2008.
- WILKISON, Philip. **O livro da mitologia**. São Paulo: Globo Livros, 2018.